

4 Análise dos Dados

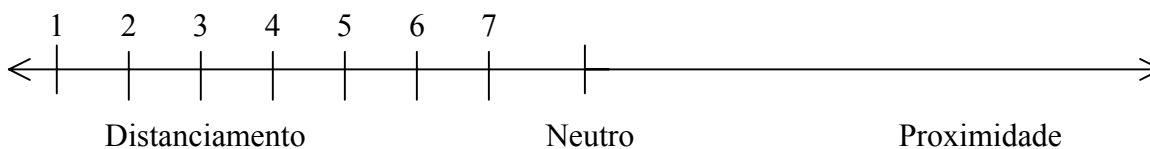
Primeiramente, devemos salientar que o gênero não foi uma categoria relevante para a nossa análise, já que não foram encontrados elementos tão distintos para o gênero masculino e para o gênero feminino, que merecessem ser mencionados. A faixa etária, como afirmamos anteriormente, foi a mesma usada nas duas universidades. No entanto, nossa atenção está voltada para o nível de proficiência em língua portuguesa que apresentavam os dois grupos de cada universidade. Portanto, esse aspecto foi o ponto de partida para a nossa análise.

4.1. PUC-Rio

Durante a análise dos dados, foram encontradas misturas de formas de tratamento, as quais decidimos apresentar do maior para o menor grau de distanciamento.

4.1.1. Situação 1: maior distanciamento

As ocorrências encontradas na interação com a diretora apresentam-se conforme a escala abaixo:



- 1- Ti+PN+S+PNV
- 2- Ti+PNV
- 3- PN+S+PNV
- 4- Ti+MZ
- 5- MZ+PNS
- 6- MZ+PNV
- 7- MZ

O uso do título mais primeiro nome e sobrenome associado ao pronome *você* (**Ti+PN+S+PNV**) ocorreu em dois casos. No entanto, esses dois casos distinguem-se por características particulares. No primeiro caso, o aluno P3B usou uma maior distanciamento, possivelmente transferido da cultura norte-americana. O pronome *você* apareceu, também, no lugar de um pronome oblíquo. Esse fato caracteriza uma forma não marcada de tratamento.

P3B: *Oi, boa tarde! Professora Cláudia Almeida, eu preciso falar com você. Eu faltei a prova, uma das minhas aulas, eh gostaria de saber se você pode me ajudar com a professora, porque ela não tá querendo ah deixar a gente fazer a prova de novo. Eh preciso fazer a prova.*

Sua justificativa, quando perguntado sobre a formalidade na sua cultura de origem comparada à cultura brasileira, foi:

P3B: *Não, eu acho que nós somos mais formais, no tratamento aos professores e a pessoal mais velho. Entre nós acho que é... (3) também acho que é mais formal que os brasileiros.*

No segundo caso, podemos perceber que o aluno usou **Ti+PN+S** de maior distanciamento, associado ao pronome *você* e ao pronome oblíquo de segunda pessoa do singular *contigo*, como uma escala que decresce para uma tentativa de proximidade:

P3A: *Doutora Cláudia Almeida, eu não fiz bem a minha prova hoje ah:: oral... de português, mas eu queria outra chance para fazer isso, então se você deixar-me ah: fazer ah ah essa prova de novo... eu... fico muito feliz contigo ah:: eu ficaria agradecido!*

A justificativa para esse uso foi encontrada durante a entrevista, quando o aluno afirmou:

P3A: *INTIMIDADE! É... eu gosto... qualquer pessoa, professor, amigos ah:: família. Eu gosto falar... com... intimidade.*

Apesar da tentativa de proximidade, essa ocorrência foi apresentada como um dos casos de maior distanciamento pelo uso do título mais primeiro nome e sobrenome.

O uso em que encontramos o maior número de ocorrências foi o da combinação de título mais pronome *você* (**Ti+PNV**):

P3C: *Oi diretor! Desculpe aqui vim falar com você. Eu faltei uma prova de Márcia na minha aula, e eu eu preciso essa nota pra... preciso uma nota boa. Por favor posso fazer de novo?*

P3D: *Oi diretor! Queria falar com você um pouquinho. É preciso de fazer um teste que eu faltei, ah ah passada quinta feira. Estive com ah:: não, eu eu estive doente então não podia vir esse dia, e preciso muito dessa nota porque senão vou pra ah:: aprovar... vou ficar reprovado da da aula. Então, por favor, preciso fazer um horário pra fazer este teste, tá bom!?*

P4E: *Diretora desculpa, eu perdi o exame! Realmente eu tava doente, tava quase morrendo na cama no meu apartamento, eu fui pra o hospital e sabe de burocracia que tem, aí eu fiquei uma semana inteira no hospital, pra resolver esse negócio. Aí eu tô aqui pronta pra pra fazer o exame se você quiser eu, pode tirar ponto, que tudo bem! Eu não tenho problema com isso. Eu gostaria a oportunidade de mostrar ah o que eu aprendi no curso.*

P4F: *Boa tarde, diretora! Ai, desculpa, desculpa, desculpa que eu perdi a prova, minha irmã teve aqui pra umas férias e eu fiquei muito ocupada com ela, eu não tive a oportunidade pra ir pra aula. Eu peço agora muito muito muito que você deixe-me deixe-me tirar a prova de novo agora.*

P4G: *Oi diretora, eu sinto muito mas, o fato é que:: meu cachorro comeu o meu o, todos os meus trabalhos e ele não possui, não podia fazer ah a prova, não podia fazer nada. Então eu espero que eu sei que soa muito difícil, que você não vai acreditar, mas meu cachorro realmente comeu todas as minhas notas eh:: Sei lá, o que que eu posso fazer agora pra arrumar esse negócio?*

Nestes casos, percebemos que o pronome *você* oscila para o eixo do distanciamento, pelo uso do título *diretora*, que é caracterizado como distante. Observamos, também, que o discurso de P4G possui uma estrutura menos distante que as outras. A justificativa foi encontrada na própria fala do aluno durante a entrevista:

P4G: *Eu acho que aqui bem mais informal. Uma vez para falar com o diretor da:: da faculdade de literaturas, eu comecei a falar com “o senhor” ele ficou “com quem eu estou falando, o senhor nada”, eu não sabia. Então quase nunca uso “o senhor” “a senhora”, só na rua uma vez com duas mulheres velhas como senhoras, mas além disso, bem mais informal. Eu acho.*

Nesse depoimento, percebemos a tentativa de adaptar-se à tendência à proximidade da cultura brasileira, a partir de um contexto menos distante criado pelo interlocutor. Como afirmamos no capítulo anterior, as pessoas também constituem contextos.

Um caso especial ocorreu, merecendo ser acrescentado a essas ocorrências. O pronome *senhora* foi usado apenas no discurso de um dos alunos, misturado ao pronome *você*. Nesta situação, o pronome *senhora* foi usado como um título, criando um ambiente de maior distanciamento. Dessa forma, o pronome *você* também oscila para o eixo do distanciamento:

P3E: *Oi senhora, eu queria falar com você, porque aquele dia que a gente fez a prova, meu pai chegou dos Estados Unidos, e eu precisava buscar ele no aeroporto, que ele não fala português... E aí eu faltei a aula inteira e não deu para fazer a prova. Estava querendo saber se seria possível para mim fazer outro dia, talvez sexta que vem eu possa fazer de novo, porque não dá para mim receber um zero nisso, senão minha nota vai ser muito baixa por causa disso.*

Essa ocorrência pode ser justificada pelo contexto criado pela figura do diretor, a importância que ela tem dentro da universidade:

Entrev.: *E com o diretor, vocês acham que tem uma diferença muito grande em falar aqui e falar em inglês?*

P3E: *Também, também depende de quem é a pessoa se é bem formal. Mas acho que eu ia chegar com uma coisa assim pedindo desculpas à diretora, falando que é uma coisa séria, e tem que falar com a diretora. Se você vai falar sabendo o que que você vai pedir para melhorar...*

Entrev.: *Sendo sempre direto...*

P3E: *Você vai fazer isso porque você não quer gastar o tempo dele, falando besteira.*

O uso do primeiro nome mais sobrenome teve apenas uma ocorrência, encontrada no nível 4. Esse uso foi encontrado, associado ao pronome *você* (PN+S+PNV) e ao pronome de possessivo de terceira pessoa do singular *sua*:

P4A: *Oi Claudia Almeida, eu to precisando sua ajuda! Ah:: olha só... o negócio é o seguinte... eu perdi eu faltei o exame da da Márcia eu preciso eh:: fazer retomar o teste outro dia. Pode ser que você pode me ajudar.*

Essa ocorrência caracteriza uma marca de distanciamento. Entretanto, a estrutura do discurso, como o de P4G, mostra-se menos distante. Esse fato é justificado, como no caso anterior, por uma experiência particular do aluno:

P4A: *Acho que depende da sua experiência própria. Lá eu tenho muitos professores com quem eu tenho eu tenho amizade, bastante próxima. Então para mim pode ser que a minha experiência seja um pouco diferente, porque eu tenho uma relação bastante informal com meus professores em geral lá. E aqui é mais ou menos o mesmo.*

O uso do título mais a marca zero (**Ti+MZ**) foi observada em apenas uma ocorrência. Neste caso, o distanciamento é marcado pelo título *diretora*, já que não fica explícito o tipo de pronome utilizado:

P3F: *Oi, com licença, diretora! Eu estava com problemas de doente eh:: eu faltei à Ø classe, à Ø¹ aula porque eu não pude não podia ir. Então posso ir de novo para fazer a Ø prova?*

Notamos que o aluno ficou inseguro quanto ao uso do pronome de tratamento mais adequado a esse contexto, optando, portanto, pela marca zero.

P3F: *Eh... acho que depende de ah outras pessoas, às vezes eh... ah Eu morava no oeste dos Estados Unidos, e às vezes as universidades aqui têm professores que precisam de pedir autoridade. Ele... eu lembro uma caso que um professor estava muitos anos e um aluno não fala “senhor”, “doutor”, porque ele formou com uma pós-graduação de doutor, e e ele não fala com respeito, e ele não dá atenção.*

A marca zero apareceu, também, no lugar do título. Sendo assim, o contexto foi caracterizado como distante e neutro, pela presença do pronome de tratamento *senhora* (**MZ+PNS**) e *você* (**MZ+PNV**), respectivamente:

P4B: *Oi Ø, boa tarde! Eu só queria eh:: perguntar uma coisinha pra senhora... eu estou meio preocupada com a minha nota da minha aula de psicologia, queria saber se tem alguém que poderia me ajudar e é:: pra eu falar com ele sobre sobre a prova como vai ser. A senhora sabe alguma coisa sobre isso?*

P4D: *Desculpa Ø, mas eu só queria falar com você sobre a aula de português que eu faltei um dia eh:: eu não sei se vai aceitar eh minha nota na aula.*

Podemos notar que no uso de P4B, o pronome *senhora* foi usado duas vezes, caracterizando um maior distanciamento na interação entre aluno e diretor. No caso de P4D, o uso do pronome *você* sem a presença do título e/ou nome, e no lugar de um pronome oblíquo, mostra a dúvida do aluno estrangeiro quanto ao tratamento na língua portuguesa falada no Brasil, principalmente se esse aluno está adquirindo o uso da língua em um ambiente de maior proximidade:

P4D: *É:: influenciando mesmo porque... quando eu pratico português provavelmente com amigos, com pessoas que eu conheço lá que eu joga*

¹ Estamos usando o símbolo Ø em lugares onde poderíamos encontrar um pronome de tratamento ou uma forma pronominal.

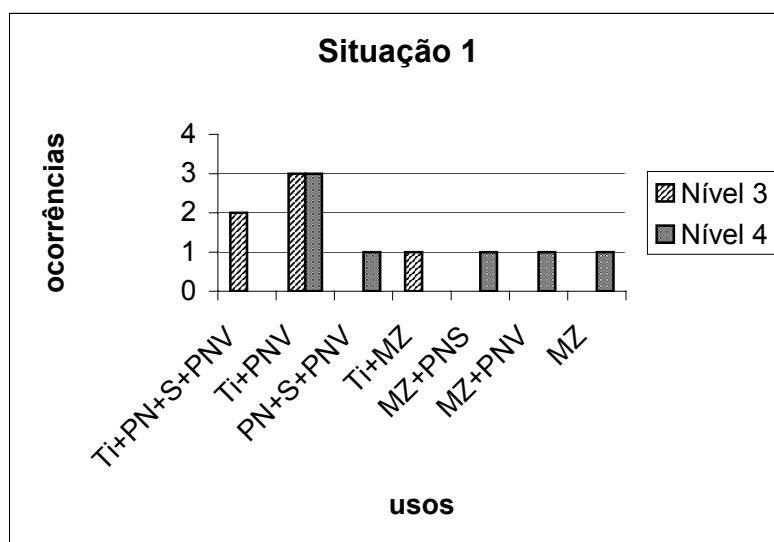
capoeira, então é muito muito informal. Acho que não sei como falar é formalmente, não sei muito bem.

A única ocorrência da marca zero absoluta, ou seja, sem a presença de qualquer forma de tratamento, deu-se no caso de P4C:

P4C: *Ah:: eu tô precisando de um pouco de ajuda pra montar a barraca dos alunos internacionais na festa junina. ∅*

Como afirmamos anteriormente, o uso da **MZ** acontece quando o aluno não tem certeza do tratamento a ser usado em determinado contexto. Dessa maneira, não fica marcado o desejo de distanciamento ou proximidade por P4C durante a interação.

Dessa forma, o uso do título associado ao primeiro nome e sobrenome, ao pronome *você* ou à marca zero caracteriza uma maior tentativa de distanciamento. Quando a MZ aparece, ela tende a neutralizar a interação, portanto, neste contexto, foi considerada menos distante que as outras ocorrências. O que caracteriza o enunciado como mais distante ou neutro, é o uso do pronome de tratamento *senhor (a)* ou *você*. Assim, percebemos que, durante a interação com a diretora, o tratamento oscilou entre um contexto marcado pelo distanciamento e um contexto mais neutro. Observemos o gráfico abaixo, onde encontraremos os usos e as ocorrências nos dois níveis:



Quadro 7

² Nos casos em que o aluno decidiu criar uma estrutura sem o uso de pronomes ou formas de tratamento, colocaremos o símbolo ∅ ao final da mesma.

P4C: *Eu acho que a maioria dos professores, especialmente da minha faculdade, deixam você chamar eles pelo primeiro nome, você não precisa chamar “Professor”, de nada disso. Também, informal normalmente.*

Entrev.: *Você acha que aqui... tem que chamar...*

P4C: *Não não sei se aqui tem que chamar também, aqui... Na verdade não sei! Nos dois nos dois não precisam, de vez em quando os brasileiros são mais formais em certas situações.*

Diferentemente do caso anterior, o uso do título, nesta ocorrência também única, apareceu associado ao pronome *você* (**Ti+PNV**):

P3C: *Professora, ei! Eu faltei a aula a semana passada eh:: foi o dia que precisamos entregar essa essa papel esse trabalho, e eu não entreguei. Eh:: realmente eu não fiz ainda, mas... só porque eu preciso ajuda! Preciso um pouco ajuda. Você acha que eu eu posso entregar depois talvez, mais uma semana?*

Como o pronome *você* é caracterizado como padrão, nesta ocorrência ele oscila para o distanciamento pelo uso do título *professora*. Por estar interagindo em outra língua, o aluno preferiu manter um distanciamento durante a interação:

P3C: *Eu acho que é muito diferente aqui do que lá, só por causa da língua, porque você você se expressa diferente, então é... com meus professores lá eu falo com muito com... confor...confortabilidade eu falo com é... se eles fossem meus amigos. Aqui eu sinto um pouco mais é... (5) Não sei... eu não tenho nem palavras pra explicar isso, só que diferente. Todos os tratamentos sempre entre pessoas são diferentes, entre os amigos, porque eu não tenho muitos amigos aqui, mas mas quando eu tô conseguindo um amigo, eu tô conhecendo uma pessoa é... você você se apresenta diferente.*

O uso do título associado ao primeiro nome foi utilizado sem a presença de um pronome de tratamento; ou seja, sem o uso do pronome *senhora*, ou *você* ou *tu*. Nesse caso, houve a preferência pela marca zero (**Ti+PN+MZ**):

P3F: *Desculpe Professora Márcia, é eu estava doente o dia que nós tínhamos a prova eh eu queria saber se eu posso fazer de novo, um outro dia. Ø*

Apesar de o uso do **Ti+PN** ser caracterizado como uma tentativa de proximidade, a preferência pela marca zero transformou o contexto interacional em neutro, já que o aluno não explicitou o pronome como afirmamos anteriormente.

O maior número de ocorrências foi encontrado no uso do primeiro nome associado ao pronome *você* (**PN+PNV**):

P3B: *Olá Márcia! Gostaria de saber se posso fazer a prova de novo. Ah você sabe que a gente faltou ah... Preciso fazer a prova.*

P4A: *E aí, Márcia! Eu faltei ao seu a sua prova como você sabe eu não tava aqui, queria falar com você sobre a possibilidade de:: de fazer outro dia. Você acha que que pode ser que seja possível?*

P4B: *Oi Márcia! Eh:: eu só queria perguntar pra você se você sabe se você conhece alguém que poderia me ajudar eh... porque eu tô meio preocupada com a com a minha nota na sua aula, então... eu queria receber mais ajuda, você conhece alguém que pode me ajudar com isso?*

P4F: *Márcia... desculpa que eu perdi a minha prova, só que tava muito ocupada que minha irmã aqui, você sabe como é que a vida é, quando tem pessoas de fora a visitar. Então espero que você pode me dar a oportunidade de fazer a prova agora.*

P4G: *Oi Márcia! Não vim ontem pra prova porque realmente tu sabe já matei várias aulas eh:: não estava procurando por nada, tá. Se você quiser a gente pode dar um jeitinho agora, mas o fato é que eu preciso uma nota boa tá!? O que é que eu posso fazer?*

Essas ocorrências diferenciam-se por particularidades, tais como P4A e P4B, por exemplo, usaram o pronome possessivo de terceira pessoa do singular *sua*, marcando a preferência pelo tratamento próximo, porém sem mistura pronominal de pessoa.

P4G, além de fazer uso de um discurso mais próximo, usou o pronome *tu* mais flexão verbal de terceira pessoa. Mantivemos essa ocorrência junto às anteriores, por considerarmos a estrutura *tu sabe* como uma forma cristalizada na fala dos jovens cariocas e não um uso intencional por parte do aluno estrangeiro. Quanto ao uso do pronome *tu*, o aluno afirmou durante a entrevista:

P4G: *Ah:: eu não uso, mas eu sei de muitas pessoas que usam eh:: (5) Eu não uso, mas não sei por quê.*

Quatro ocorrências foram encontradas no uso do primeiro nome sem referência explícita do pronome de tratamento (PN+MZ). No entanto, ao preferirem PN associado à MZ, os discursos tornaram-se os mais próximos de todas as ocorrências:

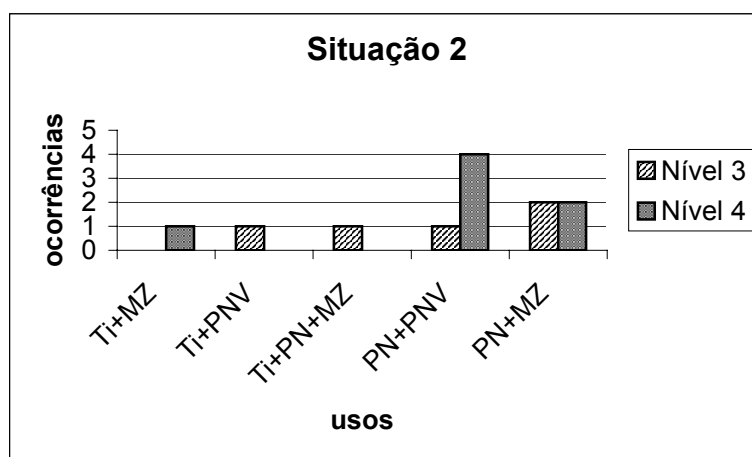
P3A: *Márcia, deixe-me fazer de novo! Eu acho que meu... minha prova oral não foi bom, mas eu quero mais uma chance!! Então é só isso. Eu acho que fiz bem a outra prova... a outra prova escrita! Eu acho que fiz bem. Ø*

P3E: *Oi Márcia! Eu faltei a prova outro dia porque meu pai chegou dos Estados Unidos e ele não fala português. Eu precisava buscar ele no aeroporto, ficou tudo bagunçado, aí estão não deu para chegar na hora para fazer a prova. E quero saber se seria possível fazer de novo, outro dia porque preciso fazer de qualquer jeito! E desculpe que eu faltei, não deu para fazer, Ø entende!?*

P4D: *Oi Márcia, eu faltei o outro dia, eu queria saber se eu faltei alguma coisa, eu posso fazer entregar o trabalho um dia depois. Ø*

P4E: *Márcia desculpa, mil desculpas, sei que eu não sou a aluna ideal, eu sei que eu já perdi várias aulas, mas eu quero... não sei, eu quero uma oportunidade, assim mostrar que as aulas que eu não faltei eu tava escutando, eu tava atendendo as aulas em que eu estava aqui, então eu gostaria a oportunidade de fazer a prova e também se eu não fizer eu não vou passar a aula, tá!? Obrigada! Ø*

Notamos que, diferentemente da situação anterior, a interação entre professora e aluno foi caracterizada, pelo maior número de ocorrências do primeiro nome associado ao pronome *você*, por uma tentativa de proximidade. Nesta situação, há uma adaptação, por parte da maioria dos alunos, à cultura brasileira, já que, normalmente, os alunos brasileiros (cariocas especificamente) costumam tratar os seus professores pelo primeiro nome. Observemos o gráfico abaixo:



Quadro 8

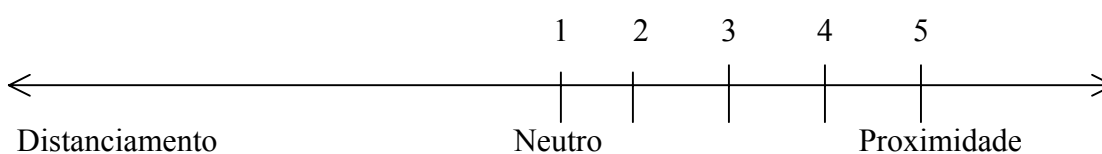
Como podemos notar, dois alunos do nível 3 deram preferência ao uso do título, enquanto apenas um aluno do nível 4 usou essa forma de tratamento. Esse fato mostra que, como na situação anterior, os alunos do nível 4 mostraram-se mais próximos na interação. Entretanto, se observarmos o anexo 7, perceberemos

que, em sala de aula, os alunos do nível 3 sentem-se mais à vontade fazendo uso do primeiro nome, enquanto os alunos do nível 4 fazem maior uso da marca zero.

4.1.3.

Situação 3: maior proximidade

Nesta situação, estamos considerando a interação entre os participantes e não casos isolados. Vale lembrarmos que, como declaramos na metodologia de pesquisa, alguns alunos realizaram a atividade individualmente. As ocorrências encontradas na interação entre amigos apresentam-se conforme a escala abaixo:



- 1- MZ+PNV
- 2- PN+PNV
- 3- PN+PNV+FP2
- 4- PN+PNV+FTE+FP3
- 5- PN+PNV+FTE+FP2

O primeiro caso encontrado que consideramos o “mais distante” (apesar de o contexto ser marcado por uma proximidade) foi o uso da marca zero associada ao pronome de tratamento *você* (MZ+PNV). Devemos salientar que o aluno P3B foi um dos que realizou a atividade sozinho. Esse fato pode ter prejudicado seu enunciado.

P3B: *Oi Ø! O que você tá fazendo aqui!?*

P3B: *Que surpresa!! Quando que Ø chegou aqui no Brasil!?*

P3B: *E como você sabia que a gente estivesse aqui, na faculdade!?*

No segundo caso, encontramos duas ocorrências do uso do primeiro nome associado ao pronome de tratamento *você* (PN+PNV):

P4C: *Oi Linda, quanto tempo faz que a gente não se encontra!*

P4D: *Ai Maria! Como vai!? Como é que você está aqui!*

P4C: *Eu tô aqui estudando! O que você tá fazendo aqui?*

P4D: *Eu estou estudando também! Eh não sabia que você vinha pra Brasil.*

P4E: *Oi Linda!!*

P4F: *Gente!!*

P4G: *Oi!!*

P4F: *Você aqui no Brasil!? Maravilha! Desde quando!?*

P4E: *Você está estudando aqui na PUC também!?*

P4F: *Também!*

Devemos salientar que P4E, P4F e P4G realizaram, como podemos observar, a atividade juntos. O que caracteriza essas ocorrências como próximas é o uso do PN, que fez com que o pronome *você* oscilasse para o eixo da proximidade.

Uma ocorrência foi encontrada com o uso do primeiro nome associado ao pronome de tratamento *você* e ao pronome oblíquo de segunda pessoa do singular *te* (PN+PNV+FP2):

P3C: *Elton, o que você tá fazendo aqui!? Você lembra de mim!?*

P3D: *Como eu não lembro de você!! Você é meu minha melhor amiga!! Sara, que você aqui, no PUC Rio, como!?*

P3C: *Tô aqui fazendo intercâmbio! E você!?*

[...]

P3D: *Sim, estou na casa dele. Ele mora na Ipanema.*

P3C: *Eu moro na Ipanema também!! Você tem que passar na minha casa, pra conhecer todas as minhas amigas. Vão te gostar!!*

Nesta ocorrência já podemos perceber uma clara tentativa de proximidade pelo uso da FP2 *te*. No entanto, o aluno P3C ainda mostra-se inseguro quanto ao uso das formas de tratamento:

P3C: *Aqui aqui você tem que usar em um contexto certo, só para ficar certa (risos). Eu uso “você”, eu uso “ele”, eu não uso todos os pronomes que eu aprendi, que eu não tenha me acostumado ainda.*

No uso do primeiro nome associado ao pronome de tratamento *você*, à forma de tratamento especial *cara* e ao pronome possessivo de terceira pessoa do singular *sua* (PN+PNV+FTE+FP3), encontramos apenas uma ocorrência. O aluno P3A foi o outro aluno que realizou a atividade sozinho:

P3A: *Billy, eu... você precisa vim pra cá porque aqui muito bom, mas você precisa falar português alguma coisa! Eu acho que você não gosta muito de aprender outras línguas, mas aqui você precisa falar outras línguas, então sua experiência ah:: vai ficar... muito mais melhor se você falar português um pouquinho. Então eu acho que você ah:: ah:: se você quiser a falar com mulheres aqui também mas você precisa falar português, cara. Então ah:: estude comigo quando eu vou voltar pra lá, e depois a gente pode combinar e a gente pode treinar juntos, tá?*

Observamos que o aluno, em seu discurso, cria um ambiente mais próximo, onde o pronome *você* oscila completamente para o eixo da proximidade, devido ao uso da FTE e do PN. No entanto, o uso da forma pronominal de terceira pessoa mostra que o aluno evitou um discurso mais íntimo, talvez por pouco conhecimento quanto às formas pronominais de segunda pessoa.

Duas ocorrências foram encontradas com o uso do primeiro nome associado ao pronome *você*, à forma de tratamento especial e ao pronome oblíquo de segunda pessoa do singular *te* (PN+PNV+FTE+FP2):

P3E: *Evelyn!! Você tá fazendo o que aqui na PUC? Eu não sabia que você tava aqui!*

P3F: *Ah querida! Eu tô aqui assistindo classe, assistindo aula de português, e eu tô trabalhando no Ipanema também! Quanto tempo você tá aqui?*

P3E: *Faz quase cinco meses já! Não acredito que não tenha te visto!!*

P4B: *Michael!!*

P4A: *E aí!?*

[...]

P4B: *O que você tá fazendo aqui no Brasil?*

P4A: *Eu tô fazendo intercâmbio, cara! E você?*

P4B: *Eu também, nossa!! Eu não sabia!*

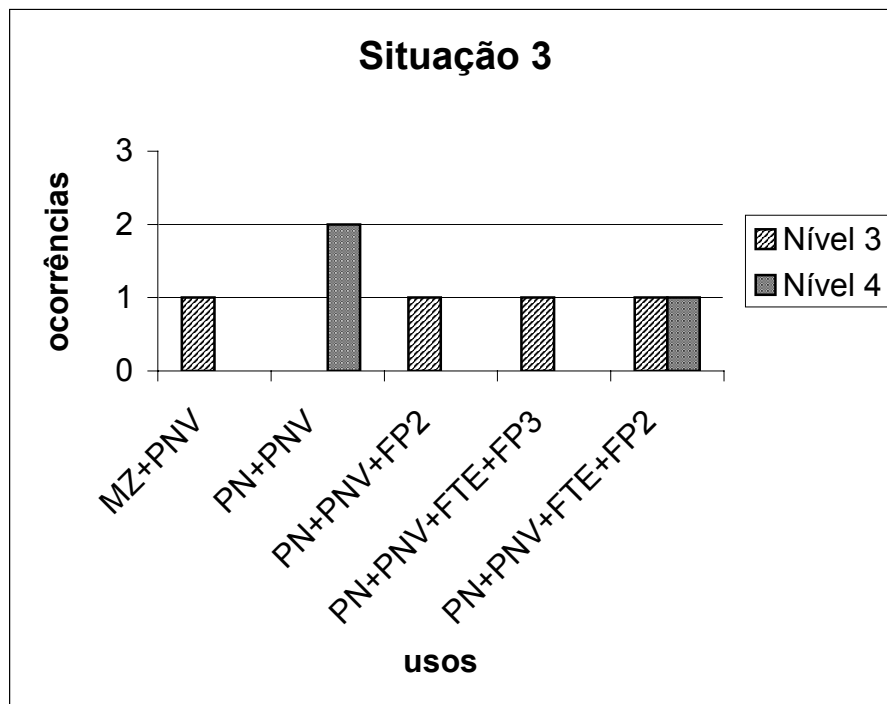
P4A: *Há muito tempo que eu não te vejo! Que não nos falamos!*

P4B: *É! E aí, como é que tá tudo na sua vida?*

Na interação entre P3E e P3F, podemos observar que ambos os alunos optaram por uma proximidade. P3E usou o primeiro nome, o pronome *você* e o pronome de segunda pessoa *te*, enquanto o aluno P3F usou a forma de tratamento especial *querida*, criando um ambiente de intimidade.

No entanto, o mesmo não ocorreu durante a interação entre P4A e P4B. Enquanto P4A usava o pronome *você*, a forma de tratamento especial *cara* e o pronome de segunda pessoa *te*, o aluno P4B usou o primeiro nome, o pronome *você*, mas usou também o pronome possessivo de terceira pessoa *sua*. Neste caso, houve uma proximidade durante o ato comunicativo, entretanto não foi recíproco como na primeira ocorrência.

Constatamos que, ao interagirem com o melhor amigo, isto é, um contexto de maior proximidade, os alunos estrangeiros fizeram uso de formas de tratamento especiais e misturas pronominais. Observemos o gráfico abaixo:



Quadro 9

Diferentemente das outras situações, os alunos do nível 3 mostraram um discurso de maior proximidade que os alunos do nível 4. Devemos salientar, novamente, que a turma do nível 3 era composta, também, por alunos hispano-americanos, enquanto a turma do nível 4 era composta por uma maioria de alunos americanos.

4.2. Brown University

Como apresentamos anteriormente na análise dos dados encontrados na PUC-Rio, aqui também tencionamos apresentar o que estamos considerando do maior para o menor grau de distanciamento.

4.2.1. Situação 1: maior distanciamento

As ocorrências encontradas na interação com o diretor apresentam-se de acordo com a escala abaixo:

A próxima ocorrência é marcada pelo uso do pronome *senhor* associado ao título e ao pronome *você* (**PNS+Ti+PNV**):

B1D: *Senhor diretor, ah:: eu tenho problemas com ah:: o meu português e preciso de estudar muito você ou com qualquer outro instrutor, outra pessoa que possa me ajudar.*

Notamos que o pronome *senhor* ligado ao título fez com que a interação ganhasse um maior distanciamento. Como no caso anterior, o pronome *você* também oscilou para o eixo do distanciamento. Podemos observar, também, que como na situação 1 da PUC-Rio, o pronome *senhor* foi usado como título ou fazendo parte dele como no uso pelo aluno P3E.

Duas ocorrências foram encontradas com o uso do título associado ao pronome de tratamento *você* (**Ti+PNV**), que aparece no lugar do pronome oblíquo:

B1C: *Boa tarde, diretor ! Ah:: eu tenho que falar com você que a essa sexta-feira eu tenho jogo de futebol ah contra Princeton em Nova Jersey e não vou ah poder vir a aula e queria saber se seria possível para mim ah conseguir a minha tarefa.*

B1E: *Boa tarde ah:: diretor ! Eh:: quero falar com você porque quero fazer o programa de Brown do Brasil ah:: para o próximo ano que vem, e quero pedir informações sobre o programa eh:: o que preciso fazer para poder fazer o programa este ano que vem.*

Como nos casos anteriores, o pronome *você* oscilou para o eixo do distanciamento pelo uso do título *diretor* . Neste caso, a figura do *diretor* cria um contexto onde o tratamento passa a ser mais distante, mesmo que, pessoalmente, os alunos sintam-se mais próximos em suas relações interpessoais:

B1C: *Pessoalmente, bom eu acho que eu tento ser bastante ter uma maneira ah bastante informal com qualquer pessoa com quem eu posso ser relaxado... é uma coisa que como não não ter que pensar em como atuar, é uma coisa que vem natural naturalmente sem que... ah:: algumas situações você ... você tem que você sabe que tem que ser o o falar com um pouco mais de respeito... não é uma coisa que realmente penso.*

Entrev.: *Você costuma tratar com mais informalidade?*

B1E: *Em geral... em geral sim. Acho que sou informal, mas eu presto a atenção em coisas pequenas, por exemplo em vez de dizer “hei” eu digo “hello” ou “hi” eh:: ou ao em vez de dizer “cool” eu digo “good” ou “ok”. Ah:: eh:: então eu mudo de vocabulário, mas de eh:: de forma de tratar não, só do vocabulário que eu uso.*

O uso do título associado à marca zero (**Ti+MZ**) teve apenas uma ocorrência:

B1F: *Oi diretor! Poxa ah Ø desculpa eu não posso ir a aula amanhã porque ah eu tenho ah um show de... porque eu monto a cavalo e ah eu tenho que ir a Connecticut ah para montar, então eu não gostaria... Desculpa.*

Neste caso, não fica explícito o pronome de tratamento que o aluno desejava usar. Como afirmamos nas outras análises, o uso da marca zero normalmente está relacionado a uma insegurança quanto ao tipo de tratamento em contextos principalmente distantes:

B1F: *É diferente pra mim porque eu estudei muito as formas de ah... ah... história, é muito diferente. Bom ah... Acho que a gente tá perdendo ah algumas coisas são mais no inglês que ah (confuso) em algumas línguas, mas eu acho que não aprendemos tudo ah condições formais na língua portuguesa ah. Eu acho que ah sempre estou falando muito informal em português.*

B1E: *Na aula de verão, a professora disse que é preciso é melhor tratar de “o senhor” ou “a senhora” ah a pessoas mais idosas, mas na minha experiência no Brasil eu não falei com muitas pessoas idosas, então eu falei em geral com pessoas mais jovens... então foi muito informal e eu não sei não posso dizer como foi em geral porque minha experiência foi com uma parte muito pequena das pessoas.*

Este fato é acentuado quando ocorre o uso da marca zero absoluta, ou seja, quando não há nenhum tipo de referência explícita ao tratamento durante a interação:

B1A: *Ah:: OiØ, tudo bom!/? Eu preciso fazer a prova de novo porque eu estava muito doente a sexta feira passada eh:: eu também dormi dormi muito, então ah:: eu não fiz o que podia naquele prova. Então, por favor, dê pra mim fazer de novo.*

B1B: *Bom diaØ! Como vai!/? Tudo bem!/? Ah:: então... eu eu ah:: fiz o teste ah semana passada eh:: muito não porque bom ah::... eu não podia estudar porque ah a minha tia morreu e oh:: eu estive muito triste e e eu não pude estudar. Por favor, eu eu podia ah:: fazer um outro prova por favor?*

B1G: *Sinto muitoØ, mas eu não posso vir a aula amanhã é que minha mãe ah::... vai visitar-me e eu eh ela não vai ter muito tempo em Providence, então eu quero estar com ela. Espero que esteja bem!*

Talvez por não estarem imersos na cultura brasileira, a dúvida quanto ao tratamento surja. A marca zero aparece como solução, indeterminando o

enunciado e, dessa forma, não comprometendo a interação social. Neste caso, o uso depende das explicações dadas em sala de aula:

Entrev.: *E você aprendeu alguma coisa com relação ao... a esse grau de formalidade no Brasil em sala de aula, quando você estudou tanto aqui quanto lá?*

B1A: *Ah:: Não (risos). Eu ah eu... as pessoas lá não falavam “o senhor” “a senhora” ah para as pessoas. Então... eu não sei.*

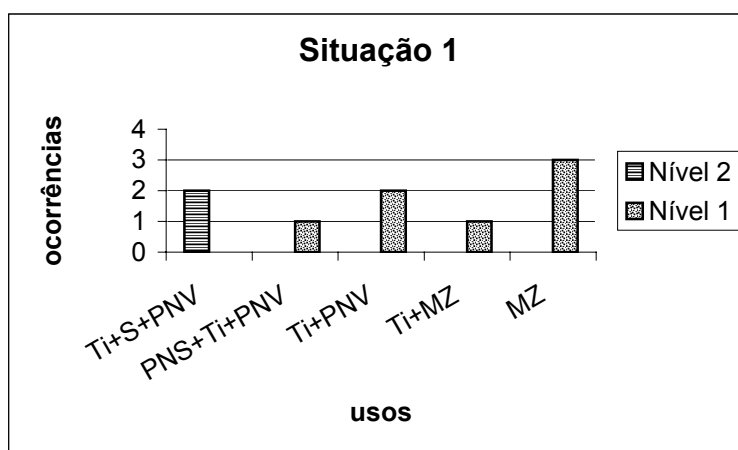
Entrev.: *E você aprendeu alguma coisa com relação ao grau de formalidade em sala de aula?*

B1B: *Não... não.*

Entrev.: *E você? O que você, no caso você nunca viajou para o Brasil, então o que você aprendeu nas aulas com relação ao grau de formalidade no Brasil?*

B1G: *Acho que não muito porque é mais nas aulas mais baixas, mais para comunicar que distinguir. Eu não sei se diferente.*

Podemos perceber que ao interagirem com o diretor, os alunos buscaram um distanciamento maior no ato comunicativo, no qual quase todas as ocorrências apresentaram o uso do título. O uso da marca zero absoluta por três alunos demonstra a falta de conhecimento por parte deles em tratamentos mais distantes na língua portuguesa e, mais especificamente, na cultura brasileira, tradicionalmente caracterizada pela proximidade nas relações interpessoais. Observemos o gráfico abaixo:



Quadro 10

Percebemos que o nível 2 foi marcado por um grande distanciamento, possivelmente explicado por serem alunos da pós-graduação. Os alunos do nível 1 mostraram-se mais inseguros quanto ao tratamento neste tipo de contexto. Esse

B1A: *Bom dia, professora. Eu eu sei que eu não fiz a prova muito bom. Ah:: mas entende que eu estava muito doente aquele dia e... por favor me permite fazer de novo. Eu posso fazer qualquer dia que você quiser.*

Neste caso, parece ter havido uma transferência do tratamento polido do inglês para o português:

Entrev.: *Qual é a sua opinião com relação ao grau de formalidade AQUI no inglês, aqui nos Estados Unidos? Como é que você acha que é o grau de formalidade entre as pessoas?*

B1A: *Ah:: eu acho que não é muito formal não, ah porque em inglês você fala com o professor, diretor da mesma forma. Talvez usa uh gíria diferente, mas as palavras são a mesma coisa.*

Entrev.: *Você fala o uso do mesmo pronome...*

B1A: *Sim!*

Entrev.: *Como você falaria com um diretor? Aqui você usaria:: eh “diretor” ou falaria o nome dele? Em inglês...*

B1A: *Ah “Mr.” qualquer coisa, ou “Professor” qualquer coisa. Mas eu... em português tem pronomes diferentes, essas coisas, e em inglês não.*

Três ocorrências foram encontradas no uso do primeiro nome associado ao pronome de tratamento *você* (PN+PNV):

B1C: *Oi Leticia! Como está você!? Ah:: eu não acho que que estou escrevendo bem os meus crônicas as minhas crônicas, e queria saber se poderia ah me reunir com você na sua hora de oficina à tarde.*

B1D: *Leticia, ah:: que tempo eu vou encontrar seu filho? (5) Eu preciso acontecer sobre o departamento para coisa em geral. Ah:: porque em geral você você falava muito sobre seu seu sua família, e ah eu tenho tenho a curiosidade ah de ver sua família e quero quero encontrar ah eles.*

B1E: *Leticia, tudo bem!? Eh quero falar com você porque eu porque não entendi o filme que que vimos na aula da sexta-feira semana passada... Eh:: gostaria de poder falar contigo para ah esclarecer o tema do filme, o que aconteceu, porque a semana que vem temos teste e quero estar preparado.*

Podemos notar uma maior proximidade nos discursos apresentados. B1C e B1D usaram, também, o pronome possessivo de terceira pessoa *sua*. No depoimento de B1C, observamos uma adaptação à tendência à proximidade da cultura brasileira, pelo uso do primeiro nome:

B1C: *Ah eu não... difícil porque... nas nas aulas de português as as duas professoras que me ensinaram já ah foram muito informais com nós e disseram “chame nos por os nomes os nossos nomes, não digam professora”. E isso e... com isso eu acho que tenho uma precisão que é*

bastante informal, que a cultura é bastante informal. Mas não sei não, acho que formalmente já estudamos a cultura ou a informalidade, a informalidade da cultura.

B1E, além de usar PN+PNV, usa o pronome oblíquo de segunda pessoa *contigo*. Isso caracteriza uma maior proximidade por parte do aluno durante o ato comunicativo, diferentemente da cultura norte-americana:

B1E: *Eu acho que quanto a mim mesmo não é não há muita formalidade. Mas quanto a tratamento, pessoal, as pessoas que os americanos sobretudo os americanos do nordeste eh sempre querem seu espaço eh uma distância entre ele ou ela e a outra pessoa, então pode falar de “hei” “you”, mas não fala muito... não... eh:: Nessa cultura temos uma coisa que se chama espaço pessoal e é muito importante!*

O maior número de ocorrências foi encontrado no uso do primeiro nome associado à marca zero (PN+MZ):

B1B: *Letícia, ah:: eu gostaria de fazer um outro prova porque... ah:: a prova de semana passada não está não estava muito bem para mim porque... ah:: eu tive muitos problemas estudando porque eu estava muito TRISTE ah minha tia morreu e ah eu gostaria fazer um outro provo prova ah (confuso) semana próxima, por favor? Ø*

B1G: *Oi Letícia! Sinto muito não porque uh não fui a aula ontem é que estava doente e não pude ir. Sinto muito não sei se tenho que fazer algo Ø eu não sei. Sinto muito!*

B1F: *Oi Letícia! Não entendi bem o filme que ah nós vimos (confuso). Eu estou achando que ah:: que posso ver outra vez com outra pessoa que não entendeu também. Ø*

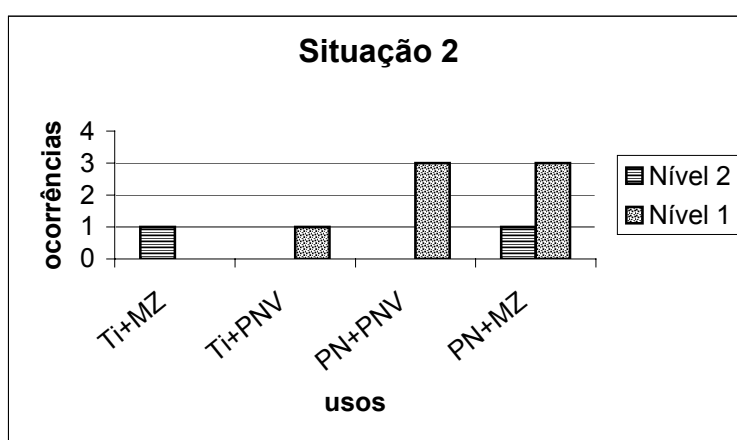
B2A: *Oi Maria, desculpe mas eu não podia ah acabar o meu texto hoje ah::... Eu esperei até hoje para começar e não tinha tempo para acabá-lo ah mas eu prometo Ø que dentro de uns dois dias eu vou acabar o meu ensaio e... eu entregá-lo-ei (risos) talvez amanhã talvez ah próxima semana.*

Podemos perceber que há uma dúvida quanto ao pronome de tratamento usado com o professor. Mesmo sabendo que o pronome *você* é considerado padrão, os alunos não usaram, preferindo a marca zero. O aluno B2A mostrou uma certa insegurança tanto ao usar o PN quanto ao pronome mais adequado ao contexto:

Entrev.: *E que tipo de pronome você usa mais nas aulas de português?*

B2A: “Você”. *Eu às vezes digo “a professora Maria”. Mas ah é mais comum usar “você”.*

Podemos observar que os alunos mantiveram uma distância na interação com o professor. O pronome *você* apareceu no lugar do pronome oblíquo, caracterizando uma forma não-marcada; assim como o uso do pronome possessivo de terceira pessoa caracteriza que os alunos estão reproduzindo o que estão aprendendo em sala de aula. O uso da marca zero, novamente, comprova a insegurança quanto ao tratamento na língua portuguesa. Observemos o gráfico abaixo:



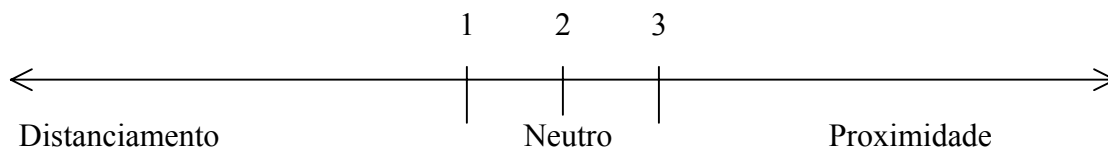
Quadro 11

Podemos notar que os dois alunos do nível 2 optaram por usar a marca zero no lugar de um pronome de tratamento. Os alunos do nível 1 mostraram-se mais próximos durante a interação, visto que seis usaram o primeiro nome. No entanto, a ocorrência da marca zero também foi significativa. Três alunos não deixaram explícito o pronome de tratamento ou forma pronominal intencionada.

4.2.3.

Situação 3: maior proximidade

Como na análise feita nos dados coletados na PUC-Rio, aqui, nesta situação, também estamos considerando a interação entre a dupla ou trio, e não casos isolados. Assim, as ocorrências encontradas na interação com o amigo apresentam-se de acordo com a escala abaixo:



- 1- MZ+FP3
- 2- MZ+PNV
- 3- PN+PNV+FP3

Como primeira ocorrência, encontramos o uso da marca zero associada ao pronome possessivo de terceira pessoa *suas* (**MZ+FP3**):

B2B: *Oi Ø, tudo bem!?*

B2A: *Sim, tudo! Tudo jóia!*

B2B: *Como vão as suas classes?*

B2A: *Bem, vão bem. E as suas?*

B2B: *Bem, mas eu ainda não tenho terminado o ensaio para a classe de Maria.*

B2A: *Ah! Eu também tenho um romance inteiro para ler para amanhã, então e temos tempo para descansarmos um pouco. Queria tomar um cafezinho?*

Podemos perceber que a interação foi marcadamente neutra, sem a presença explícita do primeiro nome ou pronome de tratamento. Uma possível explicação para esse fenômeno pode ser uma característica cultural particular da região:

B2B: *No ambiente social é menos formal. Ah:: eu não sei nada do ambiente intelectual ou profissional, pode ser muito diferente. Outra coisa é região! Ah:: essa região dos Estados Unidos é muito formal, ou é... as pessoas não são muito simpáticas, pra conversar no sul do país é mais social. Ah:: essa região "New England" é muito fria como o clima (risos).*

Duas ocorrências foram encontradas no uso da marca zero associada ao pronome de tratamento *você* (**MZ+PNV**):

B1B: *Oi Ø, tudo bem!?*

B1A: *Oi!!*

B1B: *Como vai!?*

B1A: *Muito bem, e você!?*

B1F: *Oi Ø!! Como vai!?*

B1G: *Muito bem! E você!?*

B1F: *Ah:: muito bem! Como foi o seu final de semana?*

B1G: *Ah bem. Eu estou cansada porque eu não tive... Eu não te vi hoje na aula, onde estava?*

Na interação entre B1A e B1B não houve nenhuma marca pronominal que identificasse o tratamento, além do pronome *você*. A MZ, neste caso, criou um ambiente neutro, neutralizando, também, o pronome *você*.

Por outro lado, na interação entre B1F e B1G, encontramos, também, a ocorrência do pronome oblíquo de segunda pessoa *te* e do pronome possessivo de terceira pessoa *sua*. O surgimento do pronome oblíquo transferiu um pouco mais de intimidade à interação; houve uma tentativa de proximidade por parte do aluno B1G. No entanto, não houve reciprocidade na interação, já que B1F usou uma forma pronominal de terceira pessoa.

A última ocorrência é marcada pelo uso do primeiro nome associado ao pronome de tratamento *você* e ao pronome possessivo de terceira pessoa *seus* (PN+PNV+FP3):

B1C: *Oi Mark, como está você!?*

B1E: *Tudo bem, e você!?*

B1C: *Tudo bem! Ah:: Leon faz muito tempo que não vejo você! Faz muito tempo que não vejo você!*

[...]

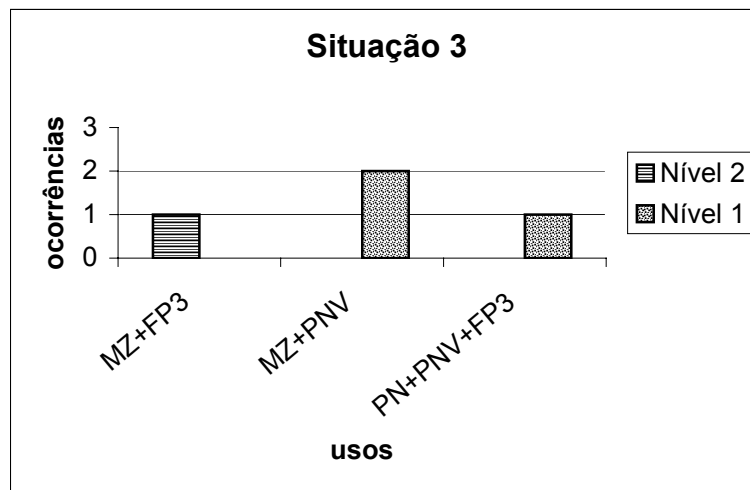
B1C: *Leon e eu somos os seus amigos! Por que você não fazer, por que você não faz algo conosco?*

B1E: *Vocês podem ir comigo para Boston se vocês quiserem.*

B1C: *Eu não quero! Por que você não fica aqui conosco? Você sempre vai a Boston com seus amigos lá! Você nunca passa tanto tempo com nós!*

Diferentemente dos outros casos, aqui houve uma maior proximidade pelo uso do primeiro nome, apesar de a forma pronominal usada ter sido a de terceira pessoa.

Podemos notar que houve uma ocorrência mais neutra na situação três. Como foi afirmado anteriormente, os alunos não possuem segurança quanto ao tratamento na língua portuguesa. Esse fato fez com que suas interações fossem marcadas por um distanciamento. Apesar de haver pelo menos um aluno que já tenha viajado para o Brasil em cada interação, não foram encontradas marcas que caracterizassem o contexto como a tentativa de proximidade da cultura brasileira, já que todos os alunos estão procurando focar o português falado no Brasil. Observemos o gráfico abaixo:



Quadro 12

Percebemos que durante a interação entre amigos, os dois níveis mantiveram-se neutros. Os alunos do nível 2 usaram a marca zero, deixando explícita apenas a forma pronominal de terceira pessoa. Duas ocorrências foram encontradas no nível 1 onde a marca zero foi usada no lugar do primeiro nome. Apenas uma ocorrência foi percebida com esse uso. Assim como nos dados coletados na PUC-Rio, nenhuma ocorrência foi encontrada com o uso do pronome *tu* mais flexão verbal de terceira pessoa do singular.

4.3. A Construção da Identidade Lingüística

Como afirmamos anteriormente, os valores e as normas culturais modelam as diferentes formas de interação entre falantes. Como observamos na descrição dos pronomes e das formas de tratamento, esse fato pôde ser comprovado à medida que uma forma lingüística era escolhida no lugar de outra. Sendo assim, a construção da identidade lingüística se dá a partir da identidade cultural pré-existente em cada participante.

Entretanto, como afirma a Sociolingüística, a construção da identidade é explicada pelo processo de interação social, no qual a identificação acontece em virtude de objetivos e interesses estratégicos de cada participante, durante o ato comunicativo. Neste caso, o que encontraremos são identidades, que como afirma Maria Lúcia Montes (1978, apud Chnaiderman, 2001, p. 51) "... não existe senão contextualizadas". Para isso, identificaremos os contextos que condicionam a escolha do uso dos pronomes e das formas de tratamento, para então delinear os

a construção da identidade lingüística dos falantes de português como segunda língua.

Durante a interação com o(a) diretor(a), o contexto foi marcado por um forte distanciamento entre os participantes, em que o uso dos pronomes e das formas de tratamento também caminhavam para um distanciamento na escala. Esse fato foi observado tanto nos alunos que estavam no Brasil, quanto naqueles que estavam nos Estados Unidos. No entanto, há uma grande diferença se esses alunos estavam imersos em nossa cultura (brasileira) ou não.

Para os alunos que estavam no Brasil (PUC-Rio), a interação com a diretora condicionou o uso de título (professora, doutora e diretora), mas também da marca zero. Ao usarem o título, os alunos buscaram transferir o distanciamento comum de suas culturas (norte-americana) para o contexto, já que a figura do “dean” é cercada de grande importância em seu país. No entanto, esses mesmos alunos que usaram um título fizeram uso do pronome *você* no lugar do pronome *senhora*, de maior distanciamento. O uso da marca zero mostra que, ao entrarem em contato com a cultura brasileira, sentiram-se inseguros quanto ao tipo de tratamento que deveria ser usado neste contexto.

Segundo Revuz (2001), quando falamos em uma língua estrangeira, deparamo-nos com um estranhamento, por não haver correspondências exatas entre essa língua e a língua materna. Esse fator contribui para a insegurança que é causada durante o ato comunicativo:

P3C: *Eu acho que é muito diferente aqui do que lá, só por causa da língua, porque você você se expressa diferente, então é... com meus professores lá eu falo com muito com... confort...confortabilidade eu falo com é... se eles fossem meus amigos. Aqui eu sinto um pouco mais é... (5) Não sei... eu não tenho nem palavras pra explicar isso, só que diferente. Todos os tratamentos sempre entre pessoas são diferentes, entre os amigos, porque eu não tenho muitos amigos aqui, mas mas quando eu tô conseguindo um amigo, eu tô conhecendo uma pessoa é... você você se apresenta diferente.*

O choque entre as culturas também causa um estranhamento, porque além de estarem falando em uma outra língua, os alunos começam a vivenciar uma cultura completamente diferente da deles.

P3A: *Eu acho formalidade (3) um pouquinho menor aqui, eu acho porque aqui é cultura latina, lá é mais rígido lá. É cultura mais rígida. E aqui eu acho que*

tinha um jeito para falar mais informal aqui ah:: também... ah::: acho que só por causa disso... da cultura... aqui são mais relaxados...

Assim como na situação 1 dos alunos da PUC-Rio, os alunos de Brown University também fizeram uso do título (doutor, professor e diretor) e da marca zero. A diferença está no maior número no uso da marca zero absoluta pelos aprendizes imersos na cultura norte-americana, o que revela uma marcada indeterminação do tratamento na interação com o diretor.

Como no depoimento de P3C, a interação em uma nova língua causa insegurança, que é acentuada quando o sistema de tratamento desta é ternário, enquanto o da língua materna é unitário:

Entrev.: *Qual é a sua opinião com relação ao grau de formalidade AQUI no inglês, aqui nos Estados Unidos? Como é que você acha que é o grau de formalidade entre as pessoas?*

B1A: *Ah:: eu acho que não é muito formal não, ah porque em inglês você fala com o professor, diretor da mesma forma. Talvez usa uh gíria diferente, mas as palavras são a mesma coisa.*

Entrev.: *Você fala o uso do mesmo pronome...*

B1A: *Sim!*

Entrev.: *Como você falaria com um diretor? Aqui você usaria:: eh “diretor” ou falaria o nome dele? Em inglês...*

B1A: *Ah “Mr.” qualquer coisa, ou “Professor” qualquer coisa. Mas eu... em português tem pronomes diferentes, essas coisas, e em inglês não.*

B1B: *Eu acho que é mais formal.*

Entrev.: *Mais formal?*

B1B: *Sim, porque tem “senhora” e... ah:: Mas isso não é tão porque eu eu não falava português muito bem então eu eu usei “a senhora” mesmo (risos) quando não era necessário.*

Durante a interação com a professora, diferentemente do que se verificou na interação com o(a) diretor(a), o resultado encontrado na PUC-Rio distinguiu-se do encontrado em Brown University. O número de alunos que usou o primeiro nome foi maior na universidade brasileira do que na universidade americana. No entanto, ambos os contextos foram marcados por uma neutralidade.

Para os alunos que estudavam na universidade brasileira, a interação com a professora criou um ambiente de tentativa de proximidade pelo uso do primeiro nome. Apenas três ocorrências foram encontradas com o uso do título *professora*, sendo uma delas associada ao primeiro nome. Esse fato comprova que, estando

em contato com alunos nativos, houve uma adaptação ao tratamento normalmente encontrado entre professor-aluno nas universidades cariocas.

O choque cultural novamente aparece no depoimento dos alunos:

P4B: *Eu acho que lá é bem mais formal, especialmente com os professores, bem mais formal. Eh:: por exemplo aqui vocês eh chamam os professores pelo nome, primeiro nome, e lá não. Eu acho que aqui é bem mais casual na sala de aula assim... eh os alunos às vezes perguntam se podem mudar o dia da prova, e isso não acontece tanto lá. Eh:: então eu acho que lá é mais formal e que as pessoas tem uma relação bem mais fria, bem separada, você não toca as pessoas, não dá beijinhos, essas coisas assim. Então eu acho que dessa maneira é bem mais formal.*

Como afirmamos anteriormente, as pessoas também constituem contextos, isto é, o uso do primeiro nome ou do título depende do outro participante. Essa característica também ocorre na cultura americana:

Entrev.: *Como é que você falaria com um professor seu lá?*

P3F: *Como eu falei, depende de cada pessoa. Se alguém permite falar sobrenome... NÃO, primeiro nome, eu posso falar ah ah “Suzan, I really sorry, I missed the class”, sempre pedindo desculpas.*

Grande parte dos alunos optou pela tentativa de uma proximidade por ser esta uma característica pessoal, usada também nas interações em suas línguas maternas: o inglês.

P4A: *Acho que depende da sua experiência própria. Lá eu tenho muitos professores com quem eu tenho eu tenho amizade, bastante próxima. Então para mim pode ser que a minha experiência seja um pouco diferente, porque eu tenho uma relação bastante informal com meus professores em geral lá. E aqui é mais ou menos o mesmo.*

Entrev.: *Com os professores você falava com mais formalidade?*

P3A: *Também, mas eu acho que tem um jeito para falar não tão formal com pessoas porque eu gosto de falar pessoa a pessoa, mais íntimo com pessoas acho, eu fico melhor a conversar.*

P3D: *Ah... acho que... pessoalmente eu tenho uma maneira de falar diferentemente com pessoas diferentes em inglês e também em português. Se é com um professor ou uma pessoa mais velha eu falo mais formal e ah mais ah com mais respeito, tanto em inglês quanto em português. Eh:: se também com os amigos é totalmente diferente, mais relaxado e mais confortável, eh:: (confuso)*

Os alunos de Brown University também fizeram uso do primeiro nome e do título. Ao usarem o título, foi criado um contexto marcado por uma tentativa de distanciamento, embora um pouco menos acentuada do que ao interagirem com o diretor. Percebemos que a maior dúvida foi quanto ao tipo de pronome que deveria estar associado ao primeiro nome, o que explicita, mais uma vez, a insegurança quanto ao sistema do tratamento da língua portuguesa.

Por não terem tido um contato direto, ou seja, de imersão na cultura brasileira, alguns alunos transferem para a interação o que aprenderam em sala de aula:

B1C: *Ah eu não... difícil porque... nas nas aulas de português as as duas professoras que me ensinaram já ah foram muito informais com nós e disseram “chame nos por os nomes os nossos nomes, não digam professora”. E isso e... com isso eu acho que tenho uma precisão que é bastante informal, que a cultura é bastante informal. Mas não sei não, acho que formalmente já estudamos a cultura ou a informalidade, a informalidade da cultura.*

Quando o aluno possui a experiência de imersão na cultura brasileira, ele consegue fazer a distinção entre os diferentes contextos de interação nas duas culturas (a sua e a estrangeira):

B2B: *Eu acho que depende muito do contexto, essa universidade é pouco formal. Esse departamento (risos) em particular é muito pouco formal, então é fácil de falar com os professores usando seus nomes, Paulo, Carlos, Maria ah. Mas para fazer uma comparação com o Brasil, eu notei que no Brasil, quando os amigos ou as pessoas estão falando nas ruas sobre fora do ambiente acadêmico, ah o tom da sua conversação é é menos informal que nós americanos usamos aqui. Mas no contexto acadêmico eu não tenho muita experiência na vida acadêmica no Brasil, então eu não sei se há uma diferença. Mas eu acho que depende muito do contexto.*

Durante a interação entre amigos, os dois grupos universitários distinguiram-se bastante. Diferentemente dos alunos que estudavam na universidade brasileira, os alunos de Brown University criaram um ambiente mais neutro, fazendo uso da marca zero, que apareceu em grande parte das ocorrências.

Os alunos da PUC-Rio interagiram em um contexto de proximidade, fazendo uso do primeiro nome, de formas pronominais de segunda e terceira pessoas e de formas de tratamento especiais, tais como *querida* e *cara*. Durante a análise, percebemos que, apesar de não usarem o pronome *tu*, os alunos

mantiveram um discurso próximo ao discurso dos nativos da mesma faixa etária. Os alunos estrangeiros conseguem distinguir as três situações, fazendo o uso de pronomes e formas de tratamento em contextos apropriados:

P3C: *“Cara” eu tô começando de usar “cara”, “rapaz” e “moleque” (risos) uma vez só. Eu eu tô começando a usar essas palavras, mas não uso muito porque porque eu aprendi que você não pode usar “cara” com todas as pessoas, mas quando eu comecei de usar, eu usei como “você”, “ele”, “cara”...*

Os alunos da universidade americana demonstraram insegurança quanto ao tratamento na língua portuguesa, mesmo tratando-se de uma interação entre amigos. Apenas um grupo fez uso do primeiro nome, do pronome de tratamento *você* e de forma pronominal de terceira pessoa, não havendo mistura pronominal.

B1C: *Pessoalmente, bom eu acho que eu tento ser bastante ter uma maneira ah bastante informal com qualquer pessoa com quem eu posso ser relaxado... é é uma coisa que como não não ter que pensar em como atuar, é uma coisa que vem natural naturalmente sem que... ah:: algumas situações você... você tem que você sabe que tem que ser o o falar com um pouco mais de respeito... não é uma coisa que realmente penso.*

Podemos notar que, para cada contexto de uso da língua portuguesa, as ocorrências e os depoimentos dos alunos variam entre o choque no contato com a nova língua e, principalmente, com a sua cultura, as suas próprias experiências ao interagirem em suas línguas maternas, a influência do contato com os brasileiros (para os alunos imersos na cultura brasileira), a aprendizagem em sala de aula e uma possível transferência do espanhol. Essas características ajudam-nos a delinear as identidades lingüísticas construídas por eles.

Revuz (2001) afirma que “aprender uma outra língua é fazer a experiência de seu próprio estranhamento no momento em que nos familiarizamos com o estranhamento da língua e da comunidade que a faz viver” (p. 9). Assim, o contato com a nova língua causa esse estranhamento, não só ao usá-la, mas também por vivenciar a cultura que a molda.

Quando os alunos que estão imersos na cultura brasileira passam a vivenciar essa língua em uso, eles fazem da interação social o momento de identificação a partir de seus próprios interesses. Ao usarem as formas de tratamento especiais na interação com o amigo, por exemplo, esses aprendizes apresentaram uma

identificação, provavelmente ao conversarem com nativos da mesma idade, adquirindo essas formas lingüísticas.

Todos os alunos entrevistados na universidade brasileira afirmaram que a melhor maneira de aperfeiçoar a língua é o contato com os brasileiros:

Entrev.: *Fora de sala, o que você utiliza para aperfeiçoar o português?*

P4A: *Falando com pessoas o português.*

Entrev.: *E tá te ajudando bastante, né!? Principalmente nas gírias. (risos)*

P4A: *É. (risos) Acho muito legal as gírias, me interessa muito!*

Entrev.: *Você tá se identificando? Você acha que tá conseguindo se identificar?*

P4A: *Com pessoas aqui sim... muito!*

P4G: *Uh... eu acho que a forma melhor é falar na rua, porque assim você pode aprender não só todas as gírias, mas também o jeito de falar totalmente diferente do que você aprende especificamente lá nos Estados Unidos. Não tem muito a ver com a realidade, com o falar português.*

P4E: *É, eu também falo muito na rua, fico prestando a atenção, arrumei um namorado brasileiro, eu acho que isso ajuda muito! É o que mais... é coisa assim (risos) tipo assim.*

Nesse processo de interação social, outros fatores também contribuem para a construção da identidade lingüística. Como vimos anteriormente, alguns alunos transferem para o contexto suas experiências pessoais ao interagirem em inglês e, também, o conhecimento prévio do espanhol. Por serem línguas latinas e muito parecidas, alguns alunos fazem comparações entre a língua portuguesa e a espanhola, a fim de compreenderem o sistema de tratamento que estão usando:

P3D: *Sim, acho que sim, porque no espanhol a ah:: em espanhol há uma diferença certa no informal e formalidade, mas como “usted” é formal e “tu” é ah:: informal. E... também... em português não é muito é... você pode falar com as palavras que você pode diferenciar também. Então sei, ah:: acho que o espanhol influencia o meu português sim, nisso de formalidade e informalidade.*

A aprendizagem em sala de aula foi outro fator citado durante a entrevista e que pode contribuir (ou afetar) a construção da identidade desses aprendizes do Português como Segunda Língua:

P4G: *Soa estranho também, porque eu nunca aprendi isso nos Estados Unidos, como lá aprendi “você deve falar o senhor”, mas nunca fala. Eu só uso quando eu falo com a polícia.*

Este último fator é o mais importante no caso dos alunos que estão aprendendo a língua portuguesa nos Estados Unidos. Longe da realidade da cultura brasileira, os alunos que nunca vieram ao Brasil constroem suas identidades baseadas nas aulas que assistem:

B1G: *Acho que não muito porque é mais nas aulas mais baixas, mais para comunicar que distinguir. Eu não sei se diferente.*

Para esses alunos que nunca viajaram para o Brasil, as transferências são maiores, sejam elas pessoais ou do espanhol, já que quase todos aprenderam essa língua antes de aprenderem o português:

B1G: *Ah:: sim porque não aprendemos na aula a forma informal de falar com alguém, às vezes para mim é meio porque eu falo o espanhol, às vezes eu... não sei o que estou respondendo (risos). Por exemplo, eu estou trabalhando:: como voluntária no hospital como tradutora em espanhol, então é uma situação onde tenho que usar uma forma mais formal. Eh:: português eu acho que é fácil (risos) fazer isso, mas em espanhol é mais difícil para mim porque eu não acostumo usar “usted” formal com todo mundo. Mas em inglês eu acho que não temos como “usted” ou “você” ou coisa assim, acho para mim então é uma maneira de dizer com o tom que se usa com outras pessoas que distingue.*

Alguns alunos já tiveram um contato direto com a cultura brasileira. Nesse caso, como para os que estudavam na universidade brasileira, depois do estranhamento ocorre a identificação, que pode ser também cultural:

B2B: *É é sim! Proximidade, um ar simpático. Ah não não ah... não é tão severo como a imagem do brasileiro grita pra todo mundo (risos). Eu acho que isso é a imagem que tem das pessoas dos brasileiros, mas eu notei enquanto eu estava no Rio uma falta de formalidade e uma ah... sim...*

Entrev.: *Então você se identificou no caso, usando a língua portuguesa, você se identificou com a informalidade do:::...*

B2B: *Sim eu... sim eu... o português brasileiro que tem o (confuso) é pouco formal. Eu eu tenho a impressão como pessoa que não conhece Portugal que Portugal, que os professores de lá são muito formais. Eh:: a língua imita essa formalidade. Eu acho que há essas duas imagens, são quase que opostos, o Brasil informal e Portugal formal.*

Se a identificação com a língua e com a cultura foi tão forte, por que não encontramos uma ocorrência³ do uso do pronome *tu* mais flexão verbal de

³ A ocorrência feita por P4G não foi considerada.

terceira pessoa? Por ser um uso que exige muita intimidade durante a interação, alguns alunos não o conhecem:

P4B: *É. Mas aqui eu... eu nunca notei pra falar a verdade. Eu eu não uso porque eu não aprendi quando eu era pequena e... mesmo quando eu tava aprendendo o português de Portugal, eu não usava muito porque não era parte do meu vocabulário. E eu também não escutei muito aqui no Brasil. Acho que não prestei muita atenção... (risos)*

P4C: *Eu não acho errado! Eu não presto muita atenção quando as pessoas falam isso.*

Alguns alunos, por desconhecerem a língua em uso, criam um preconceito lingüístico em torno do pronome:

P3A: *É... mas... ah olha só... eu não gosto quando as pessoas usam o “tu” aqui porque pessoas não conjugam o “tu” correto, dizem “tu vai pra lá”, “tu mora aqui”. NÃO!! “Tu moraste aqui”, “tu vais pra lá”! Eh... então eu sei um jeito mas não sei... pessoas me corrigem muito mas eh eu preciso corrigir as pessoas. Mas... se eu tivesse lá em Portugal eu acho que eu usaria o “tu”.*

P3B: *Eu acho que é errado! Bom, eu sei que tem a sua forma de falar assim, e tem muita gente que fala errado. Eu acho um pouco errado de falar assim, porque eh:: a conjugação como é empregado a forma de “tu”.*

A semelhança entre o português e o espanhol fez com que alguns alunos evitassem usar o pronome *tu*, porque caso tentassem usá-lo, fariam transferências:

P3F: *No espanhol, eu aprendi para usar o forma “tu” quando você fala com proximidade. E a primeira coisa que eu eu notei quando eu tava aprendendo o português é que normalmente o falado você não usa diferente, quando entre falando com autoridade e falando com amigo.*

P4E: *Eu nunca nunca uso, porque me confundo muito com o espanhol. Quando eu começo a falar “tu” sai, aí depois vai sair espanhol mesmo. Mas dá pra entender claro que não é algo assim estranho. “Tu” e “teu” isso é normal pra mim porque é igual porque espanhol, mas falar mesmo, eu vou ficar falando portunhol. (risos)*

No entanto, a maioria dos alunos conhece o pronome. Eles sabem que é uma variação lingüística, mas sentem-se inseguros quanto ao uso. Essa insegurança está relacionada ao fato de usarem uma nova língua, na qual não se deseja ameaçar a face do outro participante:

P4A: *Não. Eu até quero usar, porque eu já ouvi muitas pessoas falando então...*

Entrev.: *Ouviu?*

P4A: *Mas eu não quero não vou tentar de falar se eu não me sinto confortável falando assim então não...*

Entrev.: *E você ouviu em que situações?*

P4A: *Mais informais, é. Entre amigos, entre mais jovens e... se eu ficasse mais tempo eu eh começaria a falar com “tu” um pouco. Tenho um amigo que tá... também é americano e tá, ele tem muitos amigos brasileiros e agora ele tá conseguindo falar com “tu”, muito assim. Acho que depende também de diferentes grupos de pessoas.*

P3D: *Eu tão pouco uso, só porque não sei, nas aulas só aprendemos “você” e terceira pessoa, então eu ouço nas conversas com gente ah brasileira, mas não sai. Eu sei que posso, que usam na terceira pessoa, mas não não...*

Para os alunos que estudavam na universidade americana, o motivo pelo qual não usaram foi não terem aprendido o pronome *tu* mais flexão verbal de terceira pessoa em sala de aula (assunto que veremos no capítulo a seguir), e para os que já haviam viajado para o Brasil não ouviram ou não perceberam o uso ao interagirem com os brasileiros.

4.4.

Conclusão Parcial

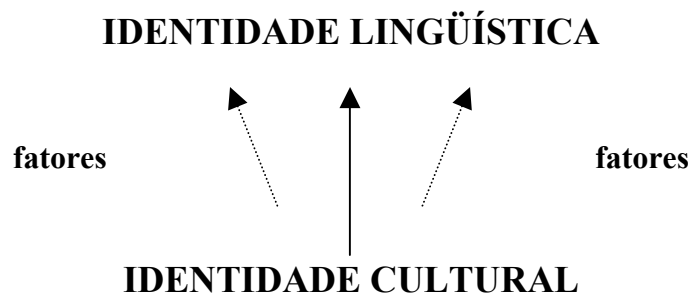
Como afirmamos anteriormente, muitos fatores influenciaram o uso dos pronomes e das formas de tratamento e, conseqüentemente, a construção das identidades lingüísticas dos aprendizes de Português como Segunda Língua.

A preocupação em salvar a face do outro durante a interação nos diferentes contextos fez com que muitos alunos recorressem à marca zero quando estavam usando a nova língua, e ainda não se sentiam familiarizados com o tratamento desta.

Para os alunos que não estavam imersos em nossa cultura, eles achavam que o distanciamento na língua portuguesa era maior, já que o nosso sistema de tratamento é ternário e o deles é unitário. Quando eles vêm para o Brasil, percebem que grande parte do conteúdo aprendido em sala de aula não é usada no dia-a-dia, ou seja, não aprenderam a língua em uso. Esta língua será aprendida no contato com os nativos, dentro e fora do contexto universitário, influenciando, também, na construção de suas identidades lingüísticas.

Sendo assim, a construção da identidade lingüística dos alunos aprendizes do Português como Segunda Língua, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos,

deveu-se ao uso do pronome *você*, considerado padrão, associado a títulos, primeiros nomes e/ou formas pronominais que, usadas em contextos específicos, explicitam proximidade ou distanciamento. Para os dois grupos, a construção de suas identidades deu-se partindo de suas identidades culturais, sendo influenciadas por fatores específicos, o que pode ser ilustrado pelo seguinte esquema⁴:



Como vimos, esses fatores podem ser internos ou externos, isto é, experiências próprias, transferência do espanhol, aprendizado em sala de aula, choque com a língua e com a cultura ou contato direto com os nativos, respectivamente.

⁴ O esquema foi usado apenas como uma maneira de apresentar o que foi encontrado durante a análise dos dados. Como estamos trabalhando com construção da identidade lingüística, a partir da identidade cultural, preferimos colocar a segunda abaixo. A linha pontilhada foi usada para mostrar que nem todos os fatores influenciam diretamente a construção da identidade lingüística, ao contrário da linha cheia usada para explicar a influência da identidade cultural.